

ENTRE ANJOS E VIRAGOS: A PRODUÇÃO DISCURSIVA ACERCA DOS MODELOS FEMININOS EM TERESINA NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Mara Lúcia Fernandes Costa *

Resumo: Compreendendo a escrita como uma prática que exerce poder sobre os sujeitos sociais, acreditamos que a produção literária das primeiras décadas do século vinte em Teresina pode apontar para uma escrita voltada para as representações dos modelos femininos vigentes naquele período. Nosso objetivo não se resume a apenas apresentar os perfis femininos, mas também problematizar como essa escrita sugere formas de ressentimentos e anseios masculinos quanto aos avanços do movimento feminista no contexto local e mundial. Nesse sentido, artigos de jornais e o conjunto literário de Clodoaldo Freitas emergem como possibilidades de análise dessa discussão em torno das imagens femininas, apresentando discursos que ora desenham mulheres como seres divinizados por exercerem o papel de “mulher-esposa-mãe”, ora por apontarem imagens femininas que fogem do modelo tradicional.

Palavras-chave: Literatura. Imprensa. Femininos.

Abstract: Understanding to written as a practice that exercises to be able to about the social subjects, we believe that the literary output of the first decades of the twentieth century in Teresina can aim for a writing come back for the representations of the in force female models in that period. Our objective is not summarized to barely present the female profiles, but also complicate like that writing suggests forms of resentments and male yearnings as regards the advancements of the feminist movement in the world and local context. In that sense, articles of newspapers and the literary assembly of Clodoaldo Freitas emerge like possibilities of analysis of that argument around the female images, presenting talks that now design women as you will be deified by will exercise the paper of “woman-wife-mother”, now by will aim female images that dislocate of the traditional model.

Keywords: Literature. It stamps. Females.

Nos primeiros decênios do século vinte é possível observar dentre os discursos da imprensa e dos literatos uma escrita voltada para o debate em torno dos modelos femininos vigentes naquele período. Nesse sentido, artigos da imprensa emergem como possibilidades de análises dessa discussão em torno das imagens femininas, apresentando discursos que ora desenham mulheres como seres divinizados por exercerem o papel de esposa e mãe, ora por apontarem imagens femininas que fogem ao modelo tradicional. Clodoaldo Freitas¹ foi também um dos homens de letras que ingressaram nessa discussão sobre a transformação dos modelos de gêneros, assumindo uma postura que em geral, remete ao conservadorismo,

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil – Universidade Federal do Piauí.

¹ Nascido em Oeiras (PI) em 1855 e falecido no ano de 1924, Clodoaldo Severo Conrado de Freitas atuou como jornalista, promotor público, professor, magistrado e escritor, sendo que, publicou diversos fragmentos literários nos jornais das cidades onde trabalhou como Teresina, Belém, São Luís e Manaus.

todavia, o literato demonstrava interesse em defender o direito da mulher ter acesso à instrução. Realçamos que a nossa intenção não se limita a apenas apresentar perfis femininos, mas compreender como a escrita daquele período sugere formas de ressentimentos e anseios masculinos quanto aos avanços do movimento feminista e ao progressivo acesso das mulheres à educação e ao mercado de trabalho. Para realizar este estudo escolhemos como objetos de análise artigos veiculados na imprensa da época, os romances *Por um sorriso* e *Queda de um anjo* escritos por Clodoaldo Freitas e ainda do mesmo autor relacionamos também a crônica O feminismo localizada na obra *Em roda dos fatos*. (FREITAS, 1996)

Quando nos deparamos com a produção literária do período em análise percebemos que existem diversas tentativas de definir o perfil feminino. A escrita se configura como um desejo de estabelecer quais tipos de feminilidades deveriam ser aceitas pela sociedade. (CERTEAU, 2005) Nesse sentido, destacamos pelos menos três formas de significar o feminino: a primeira busca reforçar a ideia de que para além dos compromissos adquiridos com a maternidade, a mulher teria o direito e a necessidade de ser instruída; em segundo lugar, temos a mulher voltada para o lar e para a família, um verdadeiro “anjo do lar” cujo exercício dos deveres de esposa e de mãe seria nada menos do que a própria realização desta como mulher; e por fim, a virago uma criatura que causava repulsão pela sua postura subversiva e gestos exageradamente masculinizados.

No conto *Queda de um anjo*² Clodoaldo Freitas aborda a história de Madalena, uma moça pobre abandonada ainda grávida pelo namorado e que levada pelo desespero, interrompe a cerimônia de casamento do Dr. Bernardes com outra mulher para entregar o filho ao seu verdadeiro pai. Para surpresas de todos no recinto Adélia, a noiva serenamente se oferece para criar o recém-nascido, comovida com o ato Madalena retira-se da igreja com o filho nos braços. O pai do noivo, o coronel Bernardes vai ao encontro da jovem mãe a acompanhando até a sua casa. Inicia-se então, um diálogo entre os dois que possui como tema central a beleza moral conquistada pela mulher quando ela se torna mãe. Aos olhos do autor Madalena acaba se regenerando ao assumir a sua condição de mãe mesmo após ter sido enganada e abandonada pelo namorado. Além deste sofrimento o próprio reconhecimento da sua fraqueza como mulher apaixonada também é uma forma de reforçar para o leitor a ideia de que Madalena fora apenas uma vítima das mentiras contadas por um sedutor. No desfecho final, Bernardes surge arrependido para pedir perdão à moça e fazer a ela uma proposta de casamento. Mesmo com a insistência do coronel Bernardes e da própria Adélia, Madalena

² Publicado no jornal *Correio de Teresina* como folhetim entre os dias 12 de dezembro de 1921 e 14 de dezembro de 1921.

resiste em aceitar o pedido por se considerar inferior, pois segundo ela sua concorrente teria muito mais predicados a oferecer como noiva por causa da sua beleza, da sua riqueza e da sua família. Nesse ponto da narrativa, Freitas consolida a regeneração moral de Madalena, não deixando dúvidas quanto a sua postura praticamente imaculada, todavia não concede a ela a conquista da própria felicidade, pois a moça falece tragicamente vítima de um mau súbito diante de todos. (FREITAS, 1921)

A produção ficcional de Clodoaldo Freitas assemelhasse a uma forma de escrita frequentemente utilizada por romancistas do século dezenove. Escrita por homens e direcionada às mulheres tanto os folhetins como os romances se caracterizavam pelo objetivo pedagógico de seus enredos, ensinando as mulheres dos grupos altos e médios da sociedade o lugar que elas deveriam assumir na sociedade. O conto *Quedo de um anjo* de Clodoaldo Freitas aproxima-se dessa proposta, na qual, alguns dos seus personagens femininos precisam passar por um processo de purificação para comprovar aos seus leitores que apesar dos erros morais porventura cometidos, a mulher continuava a manter intrinsecamente uma pureza de espírito.

No âmbito dos modelos femininos tradicionais, além da mãe o papel de esposa era destacado por diversas vezes nas fontes analisadas. A educação passou a se fazer cada vez mais presente entre as mulheres e essa mudança resultou em modificações da própria definição de esposa ideal. Mais do que uma simples companheira a mulher deveria aprender a assumir um novo posicionamento dentro do lar, ela tinha a necessidade de se adaptar às demandas originadas pela rotina doméstica executando com habilidade as tarefas relacionadas à organização do lar, à criação dos filhos, os possíveis desentendimentos com o esposo, às despesas domésticas, a manutenção da harmonia entre os membros da família, a boa acolhida a hóspedes e visitantes, enfim, a tudo que envolve a manutenção do lar como um recinto acolhedor.

Os manuais de etiqueta e ainda as chamadas notas de ensinamentos e de conselhos veiculados em folhetins e revistas femininas destinados às esposas se transformaram em moda entre as classes burguesas na Europa. Sendo que com semelhante aceitação também atingiram o Brasil. Júlia Lopes de Almeida e Maria Amália Vaz de Carvalho eram algumas das escritoras reconhecidas no mundo das letras que se proporem a prescrever normas de conduta às mulheres dentro do matrimônio. (BELLINI, 1999: 42-57) No ano de 1905, o jornal *Gazeta* publicava um trecho extraído de *A arte de viver na sociedade* enfatizando lições a serem seguidas por uma “dona de casa perfeita”. (CARVALHO, *Gazeta*, 24 ago. 1905) Dentre os conselhos prescritos por Maria Amália Vaz de Carvalho destacam-se a responsabilidade que a

esposa tinha de “tornar a casa um centro alegre” e ainda uma série de conhecimentos específicos que a mesma deveria possuir para conseguir administrar a sua casa e a sua família. A consolidação do lar como um lugar sagrado possuía naquele momento uma nítida definição, por sua vez, a família teria a possibilidade de vivenciar os afetos que ligavam os indivíduos entre si. Desse modo, marido e filhos precisavam ser estimulados a sentir interesse pelo convívio doméstico, daí o encargo atribuído a mulher para criar o gosto pelo lar. (CARVALHO, 2008)

Na ficção de Clodoaldo Freitas é possível ainda encontrar momentos em que o autor trata sobre como era a instrução feminina, revelando como a mesma poderia ser expressa na vida prática. No romance *Por um sorriso*³ Carlos e Teresa constituem o par romântico do enredo. Convidado por Teresa e sua família para um passeio no Tamancão, uma localidade próxima a São Luís, Carlos deixa-se encantar pela jovem viúva de apenas 25 anos. Entre os deslumbramentos dessa paixão e as incertezas de Carlos acerca do amor de Teresa, podemos visualizar episódios em que se é retratada a formação feminina. Teresa havia recebido instrução que pode ser definida como apropriada para as sociabilidades familiares da época: fazia leituras orais das notícias do folhetim para a família, arriscava-se a escrever poesia e consumia a literatura que circulava no período. Entretanto, aos olhos do narrador o esmero de Teresa tinha os seus limites.

Nesse romance percebemos que no território do conhecimento, Teresa posiciona-se sempre inferior a Carlos. Ele por sua vez, se dispunha a ensiná-la, a repassar um saber que muito provavelmente ela não havia recebido para se refinar intelectualmente. Desse modo, assumindo uma postura de educador, Carlos se permite moldar não apenas os gostos literários como também os costumes de Teresa. Vejamos a referida passagem do romance:

- *Achas que faço mal trazendo esses bentinhos ao pescoço?*
– *Não diga que fazes mal, porque tudo quanto fazes é bem feito, porém acho que devias evitar tudo quanto é superstição e fanatismo. Uma senhora, que se preza, não deve andar com esses bentinhos, pendurados ao pescoço. Essas devoções da plebe ignara e pagã, não são atos da religião. A religião é o ideal do amor pelo despreendimento da personalidade. [...] Por meu gosto, Teresa, não andarias com esses bentinhos ao pescoço, ao menos por higiene.*
Quando Teresa voltou, já não trazia os tais bentinhos ao pescoço.
– *Estás satisfeito?* – *Perguntou.*
– *Satisfeito por mim e, mais, por ti, minha boa amiga. Desejo que mantinhas tuas crenças religiosas sem a mínima superstição, sem fanatismo. A superstição é indigna de uma pessoa educada cristãmente. Podes ser religiosa sem beatice, crente, sem fanatismo.*
– *Educa-me, instrua-me, Carlos. (FREITAS, 2009)*

³ Publicado em Teresina como folhetim no jornal *Correio do Piauí* entre os números de 3 de outubro de 1921 a 1 de novembro de 1921.

Já percebemos que havia um interesse pela educação feminina e esta era acompanhada de outras preocupações: como a mulher deveria ser educada? Que tipo de aprendizado ela deveria receber? Correr-se-ia o risco de ver os lares esvaziados, já que a mulher cada vez mais se interessava pelos assuntos da vida pública? Estes eram alguns dos questionamentos que a sociedade moderna se fazia, principalmente os homens modernos que se ressentiam de estar perdendo espaço que dantes eram exclusivamente seus como o mundo do trabalho e o mundo das letras. Já se tornava uma certeza o fato de ser um equívoco deixar as mulheres à mercê da ignorância, sem receber nenhum tipo de polimento cultural, pois a ameaça recaía não apenas sobre a mulher, mas a família que esta ajudaria a formar. Muito embora o investimento real na educação básica seja ela direcionada a qualquer um dos gêneros (QUEIROZ, 1998) não tenha se concretizado com o mesmo entusiasmo em que se discutia sobre a importância da educação na imprensa do período, ainda seria válido confirmar um notório interesse não somente pela instrução feminina como também pela participação das mulheres na cultura escrita.

Os discursos apresentados por parte da imprensa representavam a face atemorizada da participação feminina no espaço público e no mundo do consumo. A possibilidade da presença da mulher nas escolas, nas faculdades e nos empregos assumia formas de ameaças ao papel masculino, antes praticado de maneira monopolizada e agora, se vendo na posição de entrar em competição com a mulher. Da mesma maneira que os discursos em prol da função materna funcionavam como táticas para manter a mulher vinculada à família e ao lar surgiam também discursos que ultrajavam a figura feminina que investia em papéis não ligados ao mundo doméstico com a intenção de valorizar as mulheres que privilegiavam o lar como espaço para exercerem os seus papéis sociais. A virago acaba se tornando a principal fonte de críticas acerca de uma conduta feminina que não seguia o modelo tradicional de mãe e esposa. Clodoaldo Freitas era um dos literatos daquele período que se horrorizavam com os caminhos escolhidos pela mulher moderna. O desinteresse destas pela família seria uma forma de decadência do feminino e a vontade das mulheres em conquistar espaços tipicamente masculinos seria uma forma de enxovalhar-se publicamente, como ele explicita na crônica O feminismo:

Estamos em um tempo em que a mulher entra conosco, resolutamente, na grande peleja da vida e conosco se enxovalha na poeira das estradas, no foro, nas artes, nos hospitais, no comércio e até na política, já não falando nas igrejas, que são o seu elemento predileto.

A mulher só tem, hoje, vergonha de ser mãe, ou, pelo menos, a maternidade é a coisa que menos a preocupa, desde que pode alugar amas de leite e amas secas.

Tenho, a propósito, teorias antigas e profundamente radicadas no meu espírito. Eu não posso entender a mulher fora do lar. Quando encontro um virago, suponho tratar com um homem como eu, ou, pelo menos, um ser epiceno e desclassificado. Uma Luíza Michel me faz mal aos nervos. Por quê? Não sei. (FREITAS, 1996: 71)

Como explicar esse repúdio as chamadas viragos? Quais são as razões que conduzem esse ressentimento masculino? Uma das formas de entender a postura de Clodoaldo Freitas é conhecer a personalidade citada por ele que causava tanta aversão. Louise Michel foi uma das figuras feministas mais conhecidas do século dezenove. Professora francesa conquistou notoriedade ao participar de movimentos políticos durante os seus 74 anos de vida. Poetisa e militante anarquista costumava usar vestimentas masculinas e trajes militares para defender seus ideais em favor da igualdade de direitos para os trabalhadores e a liberdade entre os gêneros. Igualmente a George Sand, a feminista provocava olhares de reprovação até mesmo entre aqueles que eram favoráveis pela igualdade de direitos entre os sexos. Louise Michel atuava com vivacidade no mundo da política, a ponto de ingressar nas lutas anarquistas e em outros eventos a exemplo da Comuna de Paris. Estes fatos por si só eram suficientes para a formação de críticas, haja vista que o espaço da política era definido como essencialmente masculino. A possibilidade da presença feminina entre os homens gerava apreensões quanto à estabilidade das relações entre os gêneros, pois os conflitos produzidos pela política poderiam colocar homens e mulheres de lados opostos prejudicando dessa maneira, a manutenção da família. Nesse sentido, atacar mulheres que invadiam o território pertencente ao masculino era uma forma de desvalorizar as feministas, apontando-as como ameaças reais ao sagrado espaço da família.

Na verdade, os temores masculinos perante a mulher remontam desde a Antiguidade, mas é na época burguesa que este medo se acentua com maior evidência. A partir do momento em que o feminismo ergueu-se como um movimento que buscava interferir nas legislações que inferiorizavam a condição feminina e tentavam quebrar as hierarquias existentes entre os sexos que privilegiava em vários aspectos o masculino, os homens por sua vez, trataram de minar a luta promovida pelas feministas. Para responder as investidas femininas, a crítica e o escárnio constituíam-se como armas para arrefecer o movimento que buscava dentre outras coisas, o divórcio, o sufrágio universal e a igualdade de direitos civis entre homens e mulheres. Desse modo, os escritos que se voltam contra o feminismo definindo as militantes como “mulheres assexuadas”, (GAY, 1988: 143) seres repulsivos desprovidas de afetividade e de atrativos físicos para conquistar um marido se tornam frequentes até as primeiras décadas do século vinte. Dessa forma, ameaça feminina resultava em reafirmações dos papéis sociais: os homens estariam adaptados ao mundo muitas vezes sujo oferecido pelo trabalho e pela política, enquanto que as mulheres eram fisiologicamente incompatíveis para essa rotina. Aquelas que demonstravam interesse pelo espaço social oposto nada mais eram do que seres desclassificados e dignos de zombarias.

“A natureza preparou a mulher para o lar, onde é bela, grande, incomparável. Fora daí é como qualquer [um] de nós.” (FREITAS, 1996: 71) Para o literato, a exclusão da mulher do acesso era ainda um grave equívoco, entretanto, havia um limite para quais áreas a mulher deveria adentrar. As mulheres escritoras que conquistavam seu espaço, recebiam honrarias por suas produções intelectuais quando a sua função de escritora não superava em importância, o papel que estava dado a sua família. Nesse caso, os opostos de modelos femininos eram Maria Amélia Beviláqua e Maria Amália Vaz de Carvalho colocando-se em franca oposição a Louise Michel e George Sand que assumiam uma postura masculinizada e fora do arquétipo feminino de mãe-esposa. Isto posto, a mulher apenas teria franca entrada no mundo das letras se colocasse a escrita como segundo plano em sua vida.

Como considerações finais, ressaltamos que a diversidade dos discursos referentes ao feminino no período estudado reflete um momento de transição da definição do que seria e do que se desejava de uma mulher. O declínio dos valores da família patriarcal era recente demais para a plena aceitação da mulher fora do ambiente doméstico, por isso, mesmo com as possibilidades trazidas pela cultura burguesa, pela instrução e pelas formas de consumo do mundo moderno prevaleciam ainda discursos que privilegiavam a mulher exercendo o papel de esposa e de mãe. O anjo do lar ainda se fazia presente e bem-vindo ainda por mais algumas décadas. Em contraposição a figura da mulher ilustrada a “boneca de sala” era cada vez mais condenada pela sua frivolidade e falta de interesse pelos assuntos domésticos, leia-se a família. E por fim, mesmo sem representar uma ameaça concreta para o contexto regional, a virago provocava anseios da escrita masculina à medida que esboçava uma forma de feminino que entrava em conflito com o modelo tradicional de mulher discursivamente aceitável na sociedade teresinense.

Em geral, os femininos aqui observados na imprensa e na produção literária de Clodoaldo Freitas são frutos dos desejos e dos medos masculinos. Os homens atravessam aquele período assustados com os deslocamentos da definição do gênero feminino, gerados não apenas pelo movimento feminista como também pelas mudanças sociais adquiridas pela cultura burguesa. Alguns espaços como o trabalho, a política, a educação e as letras que eram consagrados à masculinidade tiveram que ser abertos para a presença do feminino: um corpo estranho consumido com certa dificuldade para a maioria dos homens.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino*. Maceió: Catavento, 2003.

BELLINE, Ana Helena Cizotto. Júlia Lopes de Almeida e Maria Amália Vaz de Carvalho: vozes feminina? *Via Atlântica* – USP, São Paulo, n. 2, jul. 1999, p. 42-57.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. A arte de viver na sociedade. *Gazeta*, Teresina, ano 1, n. 32, p. 3, 24 ago. 1905.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1870-1920*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2008.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. v.1.

EM PROL da educação. *Borboleta*, Teresina, ano 1, n. 16, 29 dez. 1905. p. 1.

FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

FREITAS, Clodoaldo. *Por um sorriso*. Imperatriz: Ética, 2009.

FREITAS, Clodoaldo. Queda de um anjo. *Correio do Piauí*, Teresina, ano 1, n. 58, p. 2, 12 dez 1921 ao n. 60, p. 2-3, 14 dez. 1921.

GAY, Peter. *A educação dos sentidos: a experiência burguesa da rainha Vitória à Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau. (Org). *História da vida privada no Brasil*. República: da Belle Époque a Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, v. 3, 1998.

QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina/João Pessoa: EDUFPI/EDUFPB, 1998.

RIBEIRO, Luís Felipe. *Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária/Fundação Biblioteca Nacional, 2008.